

Problema brasileiro é fiscal, diz Greenspan

Presidente do Federal Reserve afirma, em depoimento a uma comissão da Câmara dos Representantes que o Brasil está lutando para administrar o déficit público

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON - Algumas horas antes de a Câmara Federal começar a crucial votação sobre o aumento da contribuição previdenciária dos funcionários e aposentados do setor público, ontem, o presidente do Federal Reserve Board, Alan Greenspan, disse a uma comissão de deputados dos Estados Unidos, em Washington, que "o problema brasileiro é, largamente, um problema fiscal" e manifestou sua esperança na aprovação da medida. "Claramente, o Brasil está lutando para resolver essa questão", disse o presidente do banco central norte-americano.

Greenspan falou durante um de seus depoimentos regulares no Congresso, desta vez perante a Comissão de Dotações da Câmara de Representantes. O presidente do Fed mostrou um apurado conhecimento das razões por trás da crise econômica brasileira ao responder a uma pergunta do deputado Philip Crane, republicano de Illinois.

Indagado se o Brasil iria pelo mesmo caminho do México, em 1994, o presidente do BC chamou a atenção para as diferenças entre as duas situações.

"O problema brasileiro é largamente fiscal", disse ele. "A economia do setor privado é uma entidade impressionante. Eles (os brasileiros) realmente construíram uma estrutura produtiva e um sistema financeiro muito sofisticados." Greenspan apontou, então, a causa da enorme dificuldade que existe hoje para administrar as contas do setor público.

"Em consequência de 20 anos de regime militar e autoritário, (os brasileiros) produziram uma Constituição em 1988 que, na opinião da maioria das pessoas, efetivamente ou provavelmente moveu o pêndulo demasiadamente na outra direção e criou inúmeros benefícios incorporados na Constituição, que, sem dúvida, excedem a capacidade subjacente do sistema produtivo de (financiar)", disse o presidente do BC dos EUA. "Desde então, tem havido um grande esforço para desvincular (o País) desses excessos e, com efeito, eles ainda estão trabalhando nisso e há um importante esforço a ser debatido e votado hoje pelo Legislativo brasileiro."



**SISTEMAS
PRODUTIVO E
FINANCEIRO SÃO
SOFISTICADOS**

Greenspan, que apenas dois dias antes recebera uma demorada explicação do ministro da Fazenda, Pedro Malan, sobre as razões da súbita mudança do regime cambial e os desafios que o Brasil enfrenta para garantir a estabilidade num regime de livre flutuação da moeda, usou uma expressão que o chefe da equipe econômica brasileira costuma repetir. "É um processo em andamento, mas é completamente óbvio que o problema fiscal - com enormes folhas de pagamentos nos Estados e municípios, o sistema de pensão e o vencimento médio muito curto da dívida do governo, o que significa um aumento muito grande de taxas de juros no curto prazo - criou e continua a criar um círculo vicioso."

"Mas eles estão claramente lutando para resolver essa questão", acrescentou Greenspan. "É muito difícil, é duro, e (o Brasil) certamente não foi ajudado pelo sistema financeiro internacional, que passou a ter problemas no último par de anos". Para Greenspan, "os brasileiros estão lutando para resolver não apenas os seus próprios problemas, mas o estão fazendo num contexto em que o ambiente externo é menos benéfico do que foi há uma par de anos atrás." Perguntado, em Nova York, sobre o depoimento de Greenspan, Malan respondeu: "É exatamente isso o que a gente pensa."

Greenspan usou a palavra "cintilante" para descrever a economia dos Estados Unidos. Ele criticou, no entanto, a proposta que o presidente Bill Clinton apresentou em seu discurso sobre o estado da União, na terça-feira, de investir parte do saldo da segurança social dos EUA no mercado de ações, dizendo que o influxo - projetado pela proposta presidencial - de até US\$ 700 bilhões de dinheiro público no mercado de capitais ao longo das próximas décadas interferiria com a alocação eficiente de recursos na economia. Greenspan previu que a expansão da economia norte-americana deve continuar este ano, ainda que a taxa mais moderada.

"Os mercados se estabilizaram de forma significativa depois da turbulência do outono (do Hemisfério Norte) passado, mas continuam frágeis, como atestam as repercussões da recente desvalorização brasileira", afirmou.



Alan Greenspan, presidente do Fed: ressaltando as diferenças entre o Brasil atual e o México de 1994